

As ideias linguísticas e pedagógicas da primeira gramática
feminina em Portugal (Francisca de Chantal Álvares, 1786)
*The linguistic and pedagogical ideas on the first grammar for women in
Portugal (Francisca de Chantal Álvares, 1786)*

Lívia de Melo*

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal

Resumo: A proposta deste artigo é apresentar uma das gramáticas mais desconhecidas da língua portuguesa, o *Breve Compendio da Gramatica Portuguesa, para o uso das Meninas que se educaõ no Mosteiro da Vizitação de Lisboa, por huma Religioza do mesmo Mosteiro*, que data de 1786. Sua autoria foi atribuída a Francisca de Chantal Álvares, após investigação sobre a história do referido mosteiro. Buscou-se identificar as ideias linguísticas e pedagógicas presentes nessa gramática, através de uma leitura crítica do seu conteúdo. Seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística, foi feita uma descrição esquemática da obra, considerando o contexto educacional para o qual se destinou. Produzida para servir de apoio didático na primeira instituição de ensino feminino em Portugal, foi também a primeira gramática portuguesa escrita por uma mulher. Sua metodologia é basicamente normativa. Ressalta a importância do conhecimento da língua materna para o aprendizado de outros idiomas e é encerrada com uma *Breve Advertência* contendo regras de pronúncia da língua francesa. Embora não apresente referências bibliográficas, há evidências de que uma das suas principais fontes tenha sido a *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa* de Reis Lobato (1770).

Palavras-chave: Ensino feminino. Século XVIII. Historiografia Linguística.

Abstract: The purpose of this paper is to present one of the most unknown grammars of the Portuguese language, *Breve Compendio da Gramatica Portuguesa, para o uso das Meninas que se educaõ no Mosteiro da Vizitação de Lisboa, por huma Religioza do mesmo Mosteiro*, published in Lisbon, in 1786. After investigating the history of the monastery, its authorship was attributed to Francisca de Chantal Álvares. We sought to identify its linguistic and pedagogical ideas, through a critical reading. Following the theoretical and methodological assumptions of Linguistic Historiography, we have made a schematic description of the content, considering the educational context for which it was intended. It was produced to serve as didactic support in the first female education institution in Portugal. It was also the first Portuguese grammar written by a woman. The methodology is normative. It also emphasizes the importance of knowledge of the mother tongue for learning other languages. It ends with a *Brief Warning* containing some pronunciation rules for the French language. Although it does not present bibliographical references, there are evidences that one of the main sources had been the *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa*, by Reis Lobato (1770).

Keywords: Female education. XVIIIth century. Linguistic Historiography.

* Doutoranda em Ciências da Linguagem no Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (CEL/UTAD); Vila Real, Portugal. Trabalho realizado com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), ao abrigo do Estatuto do Bolseiro de Investigação, com a referência: UI/BD/150635/2020; liviademelo@gmail.com

1 APRESENTAÇÃO DA OBRA E DE SUA AUTORA

O *Breve Compendio da Gramatica Portugueza, para o uso das Meninas que se educaõ no Mosteiro da Visitação de Lisboa, por huma Religioza do mesmo Mosteiro* foi impresso em Lisboa, no ano de 1786, na *Officina de António Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Meza Censória, com licença da mesma Real Meza*, e publicado também em Lisboa, no ano seguinte. É uma das gramáticas menos conhecidas no campo da historiografia linguística e da gramaticografia portuguesa, apesar de sua peculiaridade única para o período em que foi produzida: além de ter sido a primeira obra gramatical escrita por uma mulher, foi também o primeiro manual didático voltado especificamente para o ensino feminino. Trata-se de uma obra semianónima, já que a autora não a assina com o seu nome, mas apenas com as iniciais F.C. no final do prefácio e, no subtítulo, como *huma Religioza do mesmo Mosteiro*.

A versão digital a que tivemos acesso para este estudo é uma edição facsimilada obtida através do exemplar pertencente à biblioteca pessoal do Professor Doutor Telmo Verdelho, da Universidade de Aveiro. Não foi possível localizar outros exemplares em qualquer base de dados das bibliotecas públicas portuguesas, nem na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Trata-se de uma obra em edição única, da qual ainda não foram realizadas transcrições, nem uma edição crítica. Na bibliografia especializada, foram identificados três únicos artigos dedicados a essa gramática: o trabalho de Rolf Kemmler, Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes (2010), da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, o de Marlene Loureiro (2012), da mesma instituição, e o de Kemmler e Barbara Schäfer-Prieß (2012), da Universidade de Munique. A menção mais antiga encontrada pelos investigadores foi feita pelo bibliógrafo português José Innocêncio da Silva (1810-1876), em seu *Diccionario Bibliographico Portuguez* (1859), mas trata-se apenas de uma referência bibliográfica, ainda sem constar da autoria:

368) COMPENDIO (BREVE) DE GRAMMATICA PORTUGUEZA, para uso das meninas que se educam no mosteiro da Visitação de Lisboa, por uma religiosa do dito. Lisboa, na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo 1786. 8.º gr. de VI-64 pág. (Silva, 1859, vol. II, p. 93, grifo do autor).

Assim, o *Breve Compendio da Gramatica Portugueza* permaneceu desconhecido e no anonimato por mais de dois séculos, até que a pesquisadora alemã Barbara Schäfer-Prieß, em sua obra intitulada *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822: Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition* (2000)¹, apresenta uma análise do compêndio e fornece as primeiras pistas para esclarecer a questão da autoria. Schäfer-Prieß dispõe de dados sobre a história da Ordem das Visitandinas (fundada em 1610, em França, por François de Sales e Jeanne Françoise de Chantal) e de sua instalação em Portugal, que se deu em 1784, com o auxílio do Padre Theodoro de Almeida (1722-1804).

Em 2002, a investigadora portuguesa Zulmira Santos, da Universidade do Porto, trabalhou em sua tese de doutoramento com a obra e a biografia desse mesmo

¹ Esta obra foi traduzida pelo Doutor Jaime Ferreira da Silva, professor da Ruhr-Universität Bochum (Alemanha), em 2010. Tal tradução foi revista e atualizada pela própria autora e editada em formato de livro (digital e impresso) pela equipe do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (CEL-UTAD), em 2019, sob o título: *A Gramaticografia Portuguesa até 1822: Condições da sua génese e critérios de categorização, no âmbito da tradição latina, espanhola e francesa*.

padre, que foi diretor espiritual na instalação da Ordem das Visitandinas em Portugal, bem como na fundação do Mosteiro da Visitação. O documento cita uma religiosa chamada Anna Ignácia do Coração de Jesus como uma das primeiras noviças a se ingressar no mosteiro (Santos, 2002, p. 463). Através da certidão de batismo, localizada por Kemmler e Schäfer-Prieß (2012, p. 106), foi possível comprovar que Anna Ignácia nasceu a 13 de agosto de 1742, na Freguesia de Santa Marinha, em Vila Nova de Gaia, e que era a irmã mais nova do oratoriano portuense e intelectual padre Manuel Álvares de Queirós (1739-1777).

O esclarecimento de que os nomes Anna Ignácia do Coração de Jesus e Francisca de Chantal Álvares referem-se à mesma pessoa, e que esta é a autora do *Breve Compendio*, somente foi possível através do manuscrito *História da Fundação do Mosteiro da Visitação em Lisboa* (HFMVL), transcrito e analisado por Santos (2002; 2007). Nesse documento, encontram-se os nomes das primeiras religiosas a se ingressarem no mosteiro.

Seguiu-se a quarta Noviça que hé a Irmã Francisca de Chantal Alvares que no seculo se chamára Anna Ignacia do Coração de Jesus, de quem já falámos no principio desta Historia; porque Deos muitos annos antes a tinha preparado para a Visitação, como então vimos. Esta Religioza destinada a ensinar Meninas educandas, além de todas as obras de mãos, que pertencem a huma educação perfeita, como hé o bordar de branco, de oiro, e de matizes; renda, e todas as mais curiosidades, lhes fez huma Gramatica Portugueza para lhes ensinar a lingua materna com perfeição, e lhes ensina o Francez, o Italiano, e o Latim. A guerra que o Demonio fez a esta Noviça foi na escuridade interior, e na saude fraquissima. Em 1800 foi eleita Superiora. (HFMVL em Santos, 2007, p. 558, grifos da autora).

FLP22(1)

Portanto, quando iniciou a vida religiosa, Anna Ignácia adotou o nome de Francisca de Chantal Álvares (possivelmente em homenagem à fundadora da Ordem das Visitandinas, Sta. Jeanne-Françoise Frémyot de Chantal [1572-1641]) e ainda enquanto noviça começou a se dedicar ao ensino das meninas que se ingressavam no pensionato. Embora não revele onde adquiriu seus conhecimentos linguísticos, nem mesmo as fontes bibliográficas que utilizou para escrever o compêndio, segundo o documento histórico já mencionado, suas aptidões foram desenvolvidas a partir da convivência com o irmão, o Padre Manuel Álvares, que além de professor régio de filosofia, fez parte da Congregação do Porto e da elite cultural portuense da época.

Uma vez que o pensionato começou a funcionar em 1784 e apenas dois anos depois o *Breve Compendio* já estava impresso, é possível que a autora e educadora o tenha escrito enquanto ensinava às primeiras alunas. A publicação da obra viria a ser divulgada oficialmente no jornal *Gazeta de Lisboa*, a 28 de Julho de 1787, conforme anúncio que se segue:

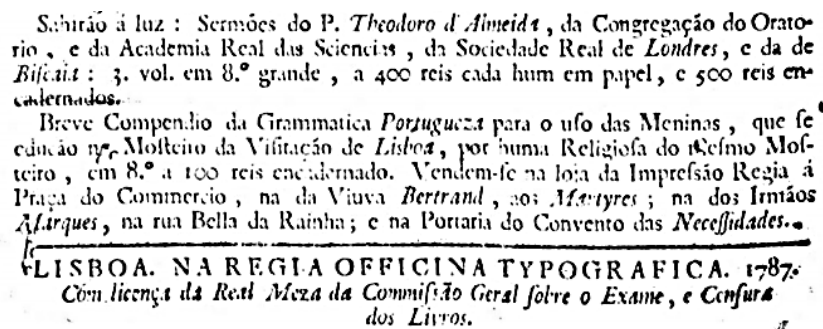


Figura 1 – Recorte do anúncio de lançamento do *Breve Compendio*, publicado no *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, número XXX, de 28 de julho de 1787.

De acordo com esse anúncio, a gramática encontrava-se à venda na loja da Impressão Régia, na loja da Viúva Bertrand, na loja dos Irmãos Marques e na Portaria do Convento das Necessidades, pelo preço de 100 reis, encadernado. Essas informações comprovam que a obra esteve disponível para acesso do público geral e não apenas para as educadoras e educandas do Mosteiro. Além disso, nota-se que a divulgação dos *Sermões do P. Theodoro d'Almeida* é feita no mesmo anúncio. Segundo Kemmler et al. (2010, p. 378), considerando que ambas as obras foram impressas por António Rodrigues Galhardo, é possível que a impressão e divulgação da gramática tenham sido custeadas pelos sermões do oratoriano.

2 METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO HISTORIOGRÁFICA

A análise da obra apresentada neste artigo apoia-se nos pressupostos teóricos da Historiografia Linguística e insere-se no campo da gramaticografia portuguesa. Baseia-se principalmente nas propostas metodológicas de E.F.K. Koerner (1939-) e Pierre Swiggers (1955-) para a investigação historiográfica.

A metalinguagem está na base desta investigação, como a dimensão mais evidente da gramaticografia. Nas palavras de Swiggers (2013, p. 49), a reflexão sobre a linguagem está diretamente ligada às estruturas da metalinguagem e “cada historiador estabelece uma metodologia pessoal, em face do objeto de estudo e em consonância com os seus interesses”.

A metodologia aqui adotada segue as três diretrizes básicas apontadas por Koerner (2014, p. 57-58): o princípio da contextualização, o princípio da imanência e o princípio da adequação. O primeiro consiste em compreender a obra analisada em seu contexto histórico, buscando identificar relações de intertextualidade com outras obras do mesmo gênero, produzidas no mesmo período. É preciso considerar a finalidade para a qual a gramática foi escrita e a inserção de sua autora em um contexto cultural e intelectual mais amplo.

Cumprindo o princípio da imanência, o *Breve Compendio* é aqui analisado dentro do seu próprio quadro teórico. Realiza-se uma análise da estrutura linguística interna da obra, mantendo-se fidedignamente a terminologia utilizada no texto original, principalmente nos casos de diferenças conceituais em relação aos conhecimentos da linguística contemporânea. Nessas situações, aplica-se o terceiro princípio, o da adequação, que consiste em elucidar essas diferenças com intervenções no vocabulário técnico do texto original em relação às normas vigentes na atualidade. Vale ressaltar

que essas intervenções não são correções, mas sim observações que podem revelar o quanto as nomenclaturas, terminologias e conceitos foram reconstruídos ao longo da história e da evolução das ideias linguísticas.

3 ESTRUTURA DO *BREVE COMPENDIO DA GRAMATICA PORTUGUEZA*

A obra contém 51 páginas, além dos dois prefácios, que ocupam quatro páginas, e da *Breve advertência*, que ocupa três páginas. O primeiro prefácio, dirigido *Às Religiozas encarregadas da educação das Meninas*, conclui-se com as iniciais D.S.B.²; o segundo, dirigido *Às Meninas Educandas*, conclui-se com as iniciais F.C. (Francisca de Chantal). Em ambos os prefácios, nota-se uma linguagem amorosa da autora, que se dirige às colegas como suas amadas irmãs e às alunas como suas queridas filhas, expondo que o seu principal intuito ao elaborar a gramática era o de facilitar o ensino da língua materna, para assim proporcionar um melhor aprendizado das outras línguas. A autora enaltece a utilidade do conhecimento e da cultura para os olhos da sociedade e principalmente para a glória e o amor de Deus. No prefácio dirigido às alunas, ressalta a importância de cultivarem a felicidade própria, que passa pela formação nas artes e na língua.

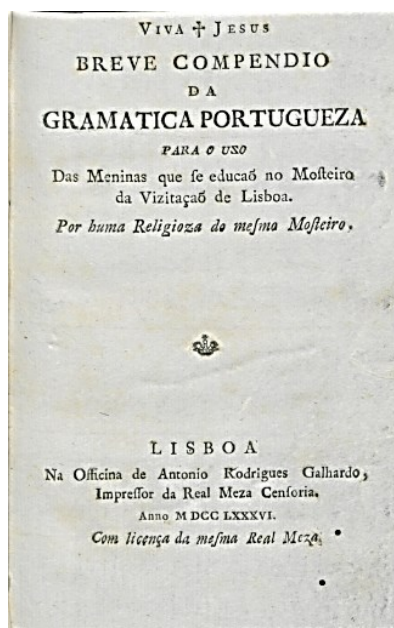


Figura 2 – Folha de rosto do *Breve Compendio*.

Após os prefácios, segue-se uma breve introdução com um resumo da obra, que será baseada no princípio de que são quatro os elementos básicos que se deve conhecer para bem falar uma língua: as palavras, a disposição delas, o modo de as pronunciar e o modo de as escrever. Com base nesse princípio, a gramática é dividida em quatro capítulos, conforme se resume a seguir:

Capítulo 1: *Da Natureza e Partes da Gramatica Portugueza em geral* (em dez seções);

² Segundo Kemmler et al. (2010), D.S.B. pode significar *Deus Seja Bendito*.

Capítulo 2: *Da Sintaxe* (em duas seções);

Capítulo 3: *Da Síllaba, e Acentos* (em duas seções);

Capítulo 4: *Da Ortografia* (em duas seções).

O Capítulo 1 (p. 1-34) traz a definição de gramática como “huma Arte que ensina a fallar huma lingua sem erros: ou por outro modo: huma Arte que ensina a combinação justa das palavras que compoem a oraçaõ.” (Álvares, 1786, p. 1). Começa por conceituar letras (vogais e consoantes), sílabas, palavras e orações, considerando começar pelo mais simples, já que a oração é composta por palavras, as palavras por sílabas e as sílabas por letras. Nas seções subsequentes, trata das castas de palavras (as classes gramaticais): nome (esta casta engloba tanto substantivos quanto adjetivos), pronome, artigo, verbo, particípio, preposição, advérbio, conjunção e interjeição. Apresenta as regras de gênero, de número e de casos.

Não lista nem classifica os pronomes. As seções dedicadas ao Verbo são as mais extensas em conteúdo (p. 11-31) e apresentam de maneira esquemática verbos regulares das três conjugações (*amar, defender e aplaudir*) em todos os tempos e modos, além de explicar o uso dos principais verbos auxiliares (*ter, haver e ser*). Define verbos irregulares e defectivos como os que se afastam em algumas vozes das regras ordinárias, exemplificando os irregulares (*dar, poder, ir e ouvir*), mas não os defectivos.

O Capítulo 2 (p. 34-44) traz as regras da sintaxe simplificadas em duas seções: *I. Das Regras mais ordinarias*, que são sete, e *II. Das Figuras* (de linguagem), que são: elipse, silepse, síntese, pleonismo, hiperbaton e síncope.

O Capítulo 3 (p. 45-48), também bastante simplificado, traz na primeira seção a definição de vogais longas (tônicas) e breves (átonas) nas sílabas, suas variedades de pronúncia e algumas regras de acentuação. A segunda seção trata das regras de versificação portuguesa de acordo com o número de sílabas, definindo os versos heróicos agudos, graves e esdrúxulos.

O Capítulo 4 (p. 48-51) trata da ortografia, mas apenas mostra as regras de uso das letras grandes (maiúsculas) e das letras duplicadas, advertindo que a melhor maneira de se fixar essas regras é através de cópias de textos, preferencialmente do livro de Catecismo.

Encerrando a obra, é apresentada uma “*BREVE ADVERTÊNCIA Para as primeiras lições das Meninas, que principiaõ a lér o Francês*”. Em três páginas (p. 52-54), a autora descreve as principais regras de pronúncia da língua francesa, demonstrando similaridades e diferenças com a pronúncia portuguesa.

4 IDEIAS LINGUÍSTICAS E PEDAGÓGICAS

Como o próprio título já diz, a obra é um breve compêndio, ou seja, um resumo do conteúdo essencial da gramática portuguesa. A autora não tinha a intenção de propor novas metodologias ou de lançar teorias inéditas, mas simplesmente de produzir um material didático que pudesse servir de apoio às educandas do mosteiro. Assim sendo, a novidade da obra aqui analisada é justamente o fato de ser destinada ao ensino feminino e de ter sido o primeiro livro didático de autoria feminina em Portugal.

Sabe-se que o acesso ao ensino sempre foi um privilégio das classes mais nobres, e mesmo dentro da nobreza, restrito aos homens. As mulheres, quando alfabetizadas, não tinham grande aprofundamento e muitas vezes, só lhes era permitido aprender a ler, mas não a escrever (ou apenas aprendiam a assinar o nome), pois a escrita era considerada inútil ou perigosa para o sexo feminino (Chartier, 2009, p. 118). É raro encontrar documentos manuscritos de autoria feminina anteriores ao século XIX, mesmo cartas missivas ou bilhetes, o que torna ainda mais louvável a iniciativa dessa freira em produzir um manual didático para facilitar o acesso das futuras gerações de mulheres à gramática da língua portuguesa.

O Mosteiro da Visitação em Lisboa foi fundado em 1783 e o pensionato começou a funcionar a 26 de julho de 1784, com um grupo de apenas cinco alunas. Foi o primeiro estabelecimento educacional dedicado ao ensino feminino em Portugal, inicialmente com a finalidade de despertar jovens vocações religiosas. Não atingindo esse objetivo, passou a contar com um programa pedagógico que, baseado na religião, preparasse as meninas de famílias nobres para o seu papel na sociedade e para se tornarem boas esposas e mães de família. Esse programa tinha por objetivo ensinar a ler, escrever e contar. Depois, seguiam-se as lições de gramática portuguesa, que deveriam anteceder ao ensino das línguas francesa, italiana e latina. Incluíam-se aulas de geografia, para as quais também foi composto um manual didático³, e além disso, as meninas tinham aulas de costura, renda, bordado, entre outras habilidades manuais consideradas como indispensáveis para as nobres donzelas de boa educação (Santos, 2002; Schäfer-Prieß, 2019).

No prefácio dedicado às colegas educadoras, Álvares afirma que da boa educação “rezulta que a Republica tem admiraveis Mães de familias; e daqui vem a principal perfeição dos Cidadãos e o Bem do Estado”. Segundo Loureiro (2012), a autora buscava conciliar o ensino secular com o espiritual, pois no prefácio dedicado às alunas, afirma que a felicidade passa pela formação nas Artes e nas Línguas, ressaltando a importância de se evitar o ócio, a ignorância e a má cultura. Ensinar a língua nacional, portanto, seria mais do que apenas transmitir regras e conceitos para bem falar e escrever, mas cultivar em terreno fértil as máximas da Cristandade para a satisfação das suas almas. A autora defende também que o conhecimento da gramática da língua materna se faz essencial para o aprendizado de outras línguas estrangeiras, principalmente o Francês, o Italiano e o Latim.

Esta gramatica vos fará conhecer melhor a vossa Lingua nacional e escrever com acerto, falar [com] propriedade; e também vos dispoem para saberdes por principios a Lingua Franceza, Italiana, e Latina, se disso fizerdes gosto: daqui se segue o tomares gosto á lição dos bons Livros, e receber delles a utilidade que tiraõ as pessoas bem instruidas. Nisso dareis gloria a vossos Pais, consolação a vossas Mestras, e satisfação á vossa alma por toda a vida, na qual não cessareis de louvar a Deos, por vos dar a boa educação que aqui tendes. Isto vos dezeja quem vos ama, e por tudo seja Deos Bemdito.

Desta que muito vos ama em J.C.
F.C. (Álvares, 1786, p. iii-iv)

³ *Methodo para a geographia. Offerecido as religiosas da Visitação de Sancta Maria de Lisboa.* Lisboa, na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo 1787. 8.º de XVIII-212 pag, e mais 8 innumeradas de indice das materias (Silva, 1862, vol. VII, p. 305, grifos do autor).

Álvares não cita as suas fontes bibliográficas ou influências intelectuais. No prefácio dedicado às religiosas encarregadas da educação, ela apenas diz ter compilado “dos bons Gramaticos que há, hum brevissimo rezumo”, mas não cita nomes de autores ou os títulos das obras que consultou. A gramática mais reconhecida naquele século era a *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza* de António José dos Reis Lobato (1770), que desde o Alvará Régio de 1770, tornara-se manual didático obrigatório nas escolas do Reino. Loureiro (2012) apresenta um estudo comparativo entre o *Breve Compêndio* de Álvares e a *Arte* de Lobato, encontrando muitas semelhanças no que se refere à apresentação dos conceitos. Segundo essa análise, os assuntos abordados nas duas gramáticas são correspondentes, mas Álvares utiliza uma terminologia diferente da de Lobato para a etimologia (que corresponde ao conceito contemporâneo de morfologia e, no compêndio, ao capítulo 1, *Da Natureza e Partes da Grammatica Portugueza em geral*) e para a prosódia (que corresponde ao capítulo 3, *Da Sillaba, e Acentos*).

A definição de gramática é normativa e se assemelha à definição proposta por Lobato também por ressaltar a importância da organização das partes da oração. Segundo Lobato (1770, p. 1), “A Grammatica Portugueza he a Arte, que ensina a fazer sem erros a oração Portugueza. Desta definição se collige ser a oração Portugueza o fim das regras da Grammatica Portugueza”. Segundo Álvares (1786, p. 1), “Grammatica he huma Arte que ensina a fallar huma lingua sem erros: ou por outro modo: huma Arte que ensina a combinação justa das palavras que compoem a oração”. Considerando essas e outras semelhanças já apontadas por Loureiro (2012, p. 340-359), é bastante possível e provável que a *Arte* de Lobato tenha sido uma das principais influências e fontes de inspiração de Álvares.

A organização do conteúdo no capítulo 1 começa pelo mais simples (a definição de letras; vogais e consoantes), para o mais complexo (a apresentação das castas de palavras). Assim como seus antecessores, Álvares também utiliza a nomenclatura casual e apresenta uma tábua de declinações dos nomes nos seis casos (nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo), de maneira organizada e didática, como se pode verificar no exemplo a seguir:



Figura 3 – Excerto da parte II do capítulo 1 (Álvares, 1786, p. 8).

Neste primeiro capítulo, as seções mais completas e bem detalhadas são as dedicadas ao verbo. Começando pelos verbos auxiliares *ter*, *haver* e *ser*, são apresentadas todas as suas conjugações nos modos indicativo, conjuntivo, imperativo e infinito. Na sequência, vêm os verbos regulares de 1ª, 2ª e 3ª conjugação (*amar*, *defender* e *aplaudir*). É interessante esta forma de expor o conteúdo partindo dos verbos auxiliares, pois considerando que tais verbos são também irregulares, observa-se que a autora parte do mais complexo para o mais simples em matéria de verbos, mas não deixa de ser uma explanação bastante clara e didática, com exemplos aplicáveis ao uso. Outra observação é que a autora quase sempre utiliza exemplos de frases com temática bíblica (*David matou o Gigante; Moisés desce do monte*, p. 36), o que é pertinente à sua condição de religiosa e aos seus propósitos de oferecer uma formação espiritual para além da gramatical.

A definição de verbo, conforme exposto por Loureiro (2012, p. 352), aproxima-se da de Lobato, mas enquanto este apresenta uma definição lógica e baseada na afirmação, Álvares utiliza um critério semântico baseado na ação. A definição de Lobato diz que

Verbo he huma palavra, que na oração affirma alguma cousa, como v. gr. nesta oração: *Pedro ama as virtudes*, onde a palavra *ama* he verbo porque affirma a acção, que Pedro faz de amar as virtudes. (Lobato, 1770, p. 62, grifos do autor).

Já a definição de Álvares diz que

Chamamos *Verbo* aquella palavra, que significa alguma cousa, dando a entender o tempo em que se exercitava a sua significação; v. g. se digo: *Amo, amei, amarei*, significa Amor, exercitado ora no tempo presente, ora passado, ora futuro (Álvares, 1786, p. 11, grifos da autora).

Os exemplos utilizados por Álvares para as conjugações verbais são exatamente os mesmos utilizados por Lobato: *amar*, *defender* e *aplaudir*. A tábua de conjugações é bem esquemática e a subdivisão dos modos em tempos verbais é feita da seguinte forma:

- (1) Modo Indicativo: 1º Tempo: Presente; 2º Tempo: Imperfeito; 3º Tempo: Perfeito; 4º Tempo: Mais que perfeito e 5º Tempo: Futuro. Este último corresponde, na subdivisão contemporânea, ao futuro do presente. Todos os tempos verbais apresentam as três pessoas do singular e as três do plural.
- (2) Modo Imperativo: apenas afirmativo e na 2ª pessoa do singular e do plural (Exemplo: *Tem tu / Tende vós*). Não apresenta as regras de formação do imperativo.
- (3) Modo Conjuntivo: 1º Tempo: Presente (Ex.: *Que eu tenha, que tu tenhas, etc.*); 2º Tempo: Imperfeito (Ex.: *Que eu teria, que tu terias, etc.*); 3º Tempo: Mais que perfeito (Ex.: *Se eu tivera / ou tivesse, Se tu tiveras / ou tivesses, etc.*); 4º Tempo: Futuro (*Quando eu tiver, quando tu tiveres, etc.*). O imperfeito do conjuntivo corresponde, na nomenclatura contemporânea, ao futuro do pretérito do indicativo.
- (4) Modo Infinito: Tempo presente impessoal (*Ter*); Pessoal (*Ter eu, Teres tu, ter ele, termos nós, terdes vós, terem eles*); Particípio Ativo (*Tendo*); Particípio passivo (*Tido / Tida*).

Após cinco seções, em 16 páginas dedicadas à conjugação verbal, apresenta-se uma única seção, de apenas duas páginas, para as outras partes da oração: partíciópio, preposição, advérbio, conjunção e interjeição. O partíciópio, embora já explicitado na seção dedicada aos verbos, aparece como uma classe de palavras à parte, definido como “huma voz que participa do nome e do Verbo” (Álvares, 1786, p. 32). O que na nomenclatura atual seria o partíciópio passado, é aqui definido como partíciópio passivo (*amado, defendido*), ao passo que o atual gerúndio é aqui definido como partíciópio ativo (*amando, defendendo*). As definições das classes indeclináveis (preposição, advérbio, conjunção e interjeição), tal como demonstrado por Loureiro (2012, p. 352-355), apresentam-se como verdadeiros resumos das definições já propostas por Lobato (1770) para essas mesmas classes gramaticais.

O capítulo 2, *Da Sintaxe*, definida como a “Arte que ensina a boa organização destas nove partes da Oração, das quaes se compoem a nossa linguagem” (Álvares, 1786, p. 34), é dividido em duas seções, sendo que a primeira traz as sete regras mais ordinárias e a segunda trata das figuras de linguagem, atendo-se mais às questões estilísticas do que às regras gramaticais em si. Define sujeito como “aquelle que rege, e faz como a base do que se diz” (idem, p. 35). Todas as regras baseiam-se nas declinações dos nomes em casos e estão relacionadas às regras de concordância e/ou regência:

1. Regra. A Oração que tem o Verbo *Ser*, pede que o sojeito vá em Nominativo, e o nome que se affirma ou nega, também em nominativo. [...]
2. Regra. Quando a oração consta de outro Verbo, que não seja o Verbo *Ser*, o sojeito vai em Nominativo, os outros nomes podem ir a outros casos [...]
3. Regra. As Preposições que vão antes dos nomes, os leuão a diferentes casos [...]
4. Regra. Muitos nomes regem outros, e os leuão a casos determinados [...]
I. Todos os comparativos pedem Ablativo no outros termo [...] 2. Todos os possessivos pedem genetivo. [...]
5. Regra. Quando há as conjunções, *e, nem, ou*, os nomes que se ligaõ com elles vão no mesmo caso [...]
6. Regra. A’s vezes hum Verbo no Infinito, faz a figura de hum Nome. [...]
7. Regra. Os Adjectivos devem concordar com os substantivos em *genero*, em *numero*, em *caso* (Álvares, 1786, p. 35-38, grifos da autora).

Na seção dedicada às figuras de linguagem, que Álvares define como “irregularidades introduzidas pelos bons escritores, para elegancia de lingoagem”, nota-se uma ideia pedagógica que consiste mais nas práticas de uso da língua do que nas regras fechadas em si. A autora chama a atenção para a expressividade, para diferentes formas de falar e de escrever e para os seus efeitos na comunicação. Por exemplo, na definição de pleonasma, que por norma gramatical é considerado um erro ou um vício de linguagem, Álvares defende que

Este Pleonasma ás vezes he beleza da Oração, quando serve para maior força de expressãõ, como se dissesse *he taõ certo que eu mesmo o vi, e com estes meus olhos o vi*; bastava dizer *o vi*, porém essa palavra passando mui ligeiramente pelos ouvidos, passa ligeiramente pela imaginaçaõ, e faz pouco effeito. Porém pondo as outras palavras, fazem que a alma attenda

mais tempo ao que se diz de *ter visto*. (Álvares, 1786, p. 40-41, grifos da autora).

Nesta mesma seção, também são definidas e exemplificadas outras figuras de linguagem: elipse, silepse, síntese, hiperbaton e sinalefa ou síncope. Álvares conclui o capítulo afirmando que a melhor lição para se falar com clareza e graça é ler os bons livros. Embora esteja claro que não havia uma proposta pedagógica de preparar as discípulas para se tornarem intelectuais, professoras ou escritoras, nota-se uma preocupação em fornecer-lhes conhecimentos sobre a linguagem literária, incentivando a leitura e a busca pelo conhecimento.

Kemmler et al. (2010) apresentam uma análise da prosódia e da ortografia no *Breve Compendio*, demonstrando como a autora descreve as realizações fonéticas das vogais e as regras de uso das letras maiúsculas e das consoantes duplas. O capítulo 3 (*Da Sillaba e Acentos*) trata da prosódia, apresentando uma definição simplificada de sílabas e diferenciando-as em longas (as tônicas, de som mais carregado) e breves (as átonas, de som mais brando e ligeiro). Embora simplifique essa definição, a autora apresenta uma descrição bem detalhada das variedades de pronúncia possíveis para as vogais *A*, *E* e *O*. Quanto às vogais *I* e *U*, não faz referência às realizações semivocálicas ou semiconsonantais, limitando-se a informar que elas podem ser tônicas ou átonas.

Na segunda parte desse capítulo, Álvares demonstra com exemplos as regras da versificação portuguesa. Define versos heróicos e explica como deve ser a disposição das sílabas longas e breves para se fazer a cadência harmônica dos versos, o que reforça a hipótese de que suas ideias pedagógicas baseavam-se também nos seus conhecimentos literários. Além de incentivar a leitura, Álvares apresenta de maneira poética as regras de acentuação da língua portuguesa, através da cadência harmônica dos versos.

O último capítulo, dedicado à ortografia, ocupa apenas três páginas e é dividido em duas seções. Na primeira seção, apresenta cinco regras básicas para o uso de letras maiúsculas, que denomina apenas como “letras grandes”. Essas regras resumem-se ao uso obrigatório de maiúsculas nos nomes próprios e no princípio de orações, ao uso indevido no meio de palavras e ao uso facultativo depois de dois pontos ou “quando queremos que se atenda mais áquele nome, por ser a matéria de que se trata naquelle escrito” (esta última pode ser exemplificada com o próprio subtítulo da obra: a palavra *Meninas*, referindo-se às educandas para as quais a gramática é dedicada, é sempre escrita com a inicial maiúscula).

A segunda seção desse capítulo é dedicada ao uso das letras dobradas, cujas regras se resumem a quatro: (1) nunca no início de palavras; (2) sempre que há diferença de sons, como em *morou* e *morreu*; (3) segundo a etimologia do latim, como em *elle* e *offendeo* e (4) nunca depois de outra consoante, como em *Henrique*. Este capítulo é concluído com a instrução de como se deve separar as sílabas que contenham letras duplicadas: *of-fendeo*; *il-lustrou*.

Para a fixação das regras ortográficas principais, Álvares sugere uma estratégia didática baseada na repetição e na competição, propondo que as alunas façam cópias de algum livro impresso, de preferência o livro de catecismo (do qual também não cita as referências) e que façam entre si apostas para verificar quem comete menos erros por página. Quanto à etimologia latina, Álvares deixa como facultativo o uso das consoantes dobradas nas palavras em que não haja alteração de pronúncia com o uso

das simples. Kemmler et al. (2010, p. 389) também observam essa facultatividade ao longo da obra, uma vez que a autora escreve *Gramatica*, e não *Grammatica*, como era mais comum na época, mas também escreve *Sillaba*, e não *Sílaba*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de não conter muitas novidades metodológicas ou conteúdos inéditos, é inegável o valor desta obra para a historiografia e para a gramaticografia portuguesa. A autora cumpre o seu propósito de oferecer um breve compêndio da gramática da língua, pois apresenta o essencial do conteúdo de forma resumida, em linguagem clara e objetiva. Além de apresentar regras e paradigmas, fornece exemplos de uso, incentiva a leitura de “bons livros” e mostra formas variadas de comunicação e expressão, através das figuras de linguagem e das regras de versificação. Portanto, a autora e educadora não se limita a ensinar uma gramática normativa, mas busca também introduzir suas alunas no mundo da literatura, da poesia e das artes em geral.

O *Breve Compendio* fornece dados relevantes para os domínios da linguística histórica, principalmente no capítulo 3, onde são descritas as realizações fonéticas das vogais e dos diferentes tipos de sílaba quanto à tonicidade (que em sua terminologia, distingue como longas e breves, referindo-se às tônicas e átonas respectivamente). Essas informações podem ser importantes para a reconstrução histórica do português lusitano, pois demonstram como seria considerada uma pronúncia correta nas últimas décadas dos Setecentos.

Quanto às influências intelectuais, registros históricos sobre a história do Mosteiro da Visitação indicam que o principal instrutor de Francisca foi o seu irmão, o padre Manuel Álvares. Há evidências de que sua principal fonte bibliográfica tenha sido a *Arte* de Reis Lobato (1770), possivelmente o material didático mais acessível naquele período. Confrontando as duas obras, é possível reconhecer diversas semelhanças conceituais e de exposição dos conteúdos, o que não significa, entretanto, que o *Breve Compendio* seja um simples resumo da *Arte*. A autora diz no prefácio ter feito uma compilação dos bons gramáticos que havia, não mencionando nomes. Parece óbvio que Reis Lobato foi um deles, mas decerto que não foi o único.

Não se sabe por quanto tempo o *Breve Compendio da Gramatica Portuguesa* foi utilizado no ensino das educandas do Mosteiro, nem se teve repercussão em outras instituições que vieram a surgir mais tarde. Até o momento, não se tem conhecimento de um único exemplar sequer, além do que gerou a versão digital utilizada neste trabalho e que faz parte de uma biblioteca pessoal. Segundo seu *Inventário de Extinção*, o Mosteiro da Visitação foi definitivamente fechado a 23 de julho de 1897, quando faleceu a última religiosa que lá residia. Certamente, os últimos exemplares dessa raríssima e tão peculiar obra perderam-se junto com a sua história.

REFERÊNCIAS

[Álvares] FC. *Breve Compendio da Gramatica Portuguesa para o uso das meninas que se educaõ no Mosteiro da Vizitação em Lisboa: Por uma Religioza do mesmo Mosteiro*. Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo; 1786.

Chartier R. As práticas da escrita. In: Chartier R, organizador. História da Vida Privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes. Feist H, tradutora. São Paulo: Companhia das Letras; 2009. p. 113-158. [citado 15 fev. 2020]. Disponível em: <https://bit.ly/2AUIycW>.

Inventário de Extinção do Convento de Nossa Senhora da Visitação de Santa Maria de Lisboa. Arquivo Nacional Torre do Tombo. [citado 09 fev. 2020]. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4224417>.

Kemmler R, Assunção C, Fernandes G. A primeira gramática portuguesa para o ensino feminino em Portugal (Lisboa, 1786). Diacrítica: revista do centro de estudos humanísticos, Série Ciências da Linguagem. 2010;24/1:373-393. [citado 18 jan. 2020]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10348/2895>.

Kemmler R, Schäfer-Prieß B. Eine Salesianernonne als Grammatikerin: Die Frauengrammatik “Breve Compendio da Gramatica Portugueza para uso das Meninas que se educaõ no Mosteiro da Vizitação de Lisboa” (1786). Kemmler R, Schöntag R (Hrsg.). Lusofone SprachWissenschaftsgeschichte I. Tübingen: Calepinus Verlag, 2012:99-124. [citado 15 fev. 2020]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10348/2899>.

Koerner EFK. Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados. Coleção Linguística 11, Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Braga: Estúdio de Artes Gráficas; 2014. [citado 21 jun. 2020]. Disponível em: <https://bit.ly/2VbJ64X>.

Lobato AJR. Arte da Grammatica da Lingua Portugueza. Lisboa: Régia Officina Typografica; 1770.

Loureiro M. A descrição das partes da oração na primeira gramática portuguesa para o ensino feminino. Costa MA, Flores C, Alexandre N, organizadores. XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: Textos Selecionados. Lisboa: APL, 2012: 340-359. [citado 12 fev. 2020]. Disponível em: <https://bit.ly/2NpQrjX>.

Nota de publicação do Breve Compendio da Gramatica Portugueza. Gazeta de Lisboa, Lisboa, 28 jul. 1787. Segundo Supplemento, Número XXX. [citado: 09 fev. 2020]. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>.

Santos ZC. Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida (1722-1804) [tese]. Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto; 2002.

Santos ZC. Para a história da educação feminina em Portugal no século XVIII: a fundação e os programas pedagógicos das visitandinas. In: Ribeiro JM, Silva FC, organizadores & Osswald H, Cruz MA, editores. Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos. 2004;3:985-1001. [citado: 14 fev. 2020]. Disponível em: <https://bit.ly/3hRFfnj>.

Santos ZC. Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida (1722-1804). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia; Ministério de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas); 2007.

Schäfer-Prieß B. Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822: Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition. Tübingen: Max Niemeyer Verlag (Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie; Band 300); 2000.

Schäfer-Prieß B. A Gramaticografia Portuguesa até 1822: Condições da sua génese e critérios de categorização no âmbito da tradição latina, espanhola e francesa. Silva JF, tradutor. Revista e actualizada pela autora. Kemmler R, editor. Coleção Linguística 14. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; 2019. [citado: 05 fev. 2020]. Disponível em: <https://bit.ly/2YZULFd>.

Silva IF. Diccionario Bibliographico Portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva, applicaveis a Portugal e ao Brasil. Lisboa: Imprensa Nacional; 1858.

Soror Francisca de Chantal Álvares. Escritoras em Português (Woman Writers in Portuguese before 1900). [citado 10 fev. 2020]. Disponível em: bit.ly/2B1GHD1.

Swiggers P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. 2013;44/45:40-59. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português. [citado 21 jun. 2020]. Disponível em: <http://llp.bibliopolis.info/confluencia/wp/?cat=32>.

FLP22(1)